

dáveis de ser vistos. Suas paisagens estão cada vez mais simples, reduzindo-se ao essencial. E a essência da paisagem surge com toda sua potência: é a própria natureza.

Fabulosos são os dois quadros de *Newton Rezende*: "O Demagogo" e "A Vaca Esquartejada". É curioso de se notar que em uma época de tão propaladas aberturas políticas, Newton Rezende compareça como o único pintor político da mostra. Político no bom sentido. Não panfletário. Sua arma é a ironia.

*José Antônio da Silva* é outro grande artista que continua em sua melhor forma. Os três quadros que o pintor enviou ao Panorama possuem o mesmo altíssimo nível de invenção que ele atingiu já há alguns anos de onde jamais desceu um milímetro sequer. Excelentes.

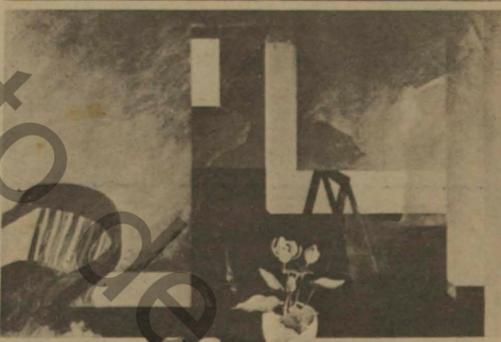
Bons também são os quadros de *Tomoshige Kusuno*. Um dos seus três painéis, "Cidade que Vibrou", apresenta uma cena de futebol. Apesar da importância que o futebol tem na vida da grande maioria do povo brasileiro, esse esporte raríssimas vezes tem sido explorado pelas artes, não apenas pela pintura mas também pela literatura, música, cinema e teatro. Daí a novidade de Kusuno. Já *Hercules Barsotti* apresenta três telas (Intervalos Coordenados) pintadas com tinta acrílica-vinil, surpreendentes não apenas pela cor e pela invenção, mas também pelo aproveitamento do espaço da tela. Sua concepção concretista é forte e vibrante. Barsotti está em sua melhor fase e sua pintura se constitui em imenso prazer visual.

Ao lado de Barsotti porém está exposta uma série de geométricos sem importância: *Hermelindo Fiaminghi*, *Cleber Gouveia*, *Carlos Magano*, *Israel Pedrosa*, *Ivan Freitas*, *Raul Cordula Filho*, *Maurício Nogueira Lima* e *Heinz Kuhn*. Apenas uma rotina, piorada pela convivência. Em compensação, ao lado de todo esse geométrismo burocrático, vamos ter o prazer de encontrar a glória do maior geométrico brasileiro: *Ianelli*. Trabalhando apenas com óleo ou têmpera sobre tela e sem concorrer a prêmios (ele foi o premiado de 1973), *Arcangelo Ianelli* é um dos pontos altos do Panorama. Equilibrado, sóbrio, dinâmico. Um grande esteta da atualidade.

Os símbolos afro-asiáticos de *Rubem Valentim* continuam os mesmos; o bom acabamento das telas também: nada de muito novo. Assim, ele continua fazendo sua arte nacionalista que dificilmente teria a chance de ser entendida fora das nossas fronteiras. O corretíssimo *Fernando Lemos* nos apresenta um concretismo muito bem trabalhado em cores opacas, porém de grande vibração. Um dos seus quadros é uma bela e rara combinação de ocre, marrons e azuis, com um efeito final inigualável.

Diferentes também são os quadros de *Márcia Barroso do Amaral*: elegantes, explorando relevos e reentrâncias das telas, seu trabalho em *ton-sur-ton* atinge um efeito final agradável e muito bem definido.

*Ivald Granato* é o representante dos conceitualistas no Panorama. Ele até que compareceu comportado: apresentou três telas, só que soltas, sem as armações. Erótico, mas de um erotismo "mandraque", para quem estiver disposto a decifrá-lo. *Gregório* continua sendo um prazer para todos, pois seus quadros possuem leituras em dois níveis diferentes: a primeira leitura (feita pelo público não iniciado) é imediata, não ultrapassa a imagem e possui um nível superficial. A segunda leitura, mais profunda, possui um referencial metafísico e nos fala da solidão do artista-criador e da angústia dos indivíduos que habitam os grandes centros urbanos (particularmente São



PROJETO PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA  
VALD GRANATO 1979

3 telas com 2,00m por 1,50m sem tampo - programada em execução do ato liberado.

característica da pintura contemporânea.  
poco-tinta, pigmentos acumulados.  
3 diferentes avaliações, no mesmo ângulo - duas de espontaneidade absoluta.

Projeto Performance

- 1 - José Antonio da Silva: "Copacabana"
- 2 - Newton Rezende: "A vaca esquartejada", 1979.
- 3 - Ricardo Van Steen: "Tá na Hora"

Prêmio Estímulo Caixa Econômica Federal, 1979.

- 4 - Gregório: "Figura no Metrô", 1979.
- 5 - Ivald Granato: "Projeto Performance", 1979.

PERFORMANCE

Paulo). O melhor exemplo disso é o excepcional quadro "Figura no Metrô", magistralmente explorado em filme pelo crítico/cineasta Olívio Tavares no seu documentário sobre Gregório, "Retrato do Artista Quando Jovem". Um inventário dos objetos que surgem nos quadros de Gregório possui um valor que está

além do documental simples: seu valor é instrumental. É por isso que podemos afirmar que Gregório passeia sua urbanidade como um peixe n'água. Ele é perfeito em seu "métier".

*Henrique Boese* já esteve em Panoramas anteriores e volta com sua maestria de sempre: suas pinturas só podem ser

enquadradas na categoria superior das obras privilegiadas. Boese é um pintor lírico, suave, amável. Como na poesia, as informações das suas pinturas jamais se esgotam em uma primeira leitura. É um prazer que se renova a cada aproximação.

Mas seria falso afirmar que no atual Panorama aconteceram apenas acertos. Ao contrário, aconteceram muitos erros e equívocos.

*Glauco Pinto de Moraes*, por exemplo, nem precisava estar no Panorama atual uma vez que seus "engates ferroviários" são iguais a tudo o que ele já mostrou anteriormente e já foi visto e revisto. *Fukushima* é outro que compareceu com o equilíbrio de sempre, mas sem nenhuma evolução, nenhuma novidade. Agradável apenas. O sempre excelente *Claudio Tozzi* também cometeu um equívoco: compareceu ao Panorama com seus gigantescos painéis (160 x 220) "Papagalha" (papagaios + tropicália? Seria isso?) Decepcionou ao entrar perigosamente em uma área em que o deboche de *Glauco Rodrigues* reina absoluto. Com uma *Judith* pintada (e enfeitadinha) à moda de *Beardsley* e mais uma *Santa Madalena* e uma *Santa Bárbara* muito feias e antigas, *Rodrigo de Haro* não conseguiu atingir o que ele pretendia. Se é que ele pretendia alguma coisa.

O surrealismo ingênuo (isso é possível?) de *José Sebastião da Costa* faz um inventário do inútil, sem deixar de incluir as várias bananas que *Antônio Henrique Amaral* deixou de lado no Panorama passado. *Iracema Arditi* continua a mesma de sempre: apenas decorativa. *Maria Lidia Magliani* apresenta um tríptico agressivo, feio, um despropósito. *Tunen*, que o público já aprendeu a reconhecer e gostar como grande desenhista e gravador de primeira linha, mandou para o Panorama três telas mal concebidas, repetitivas, sujas. *Zaluar* continua expondo o seu impasse: volta à figura ou se dissolve no Nada. *Charoux* continua com as vibrações e ritmos de sempre. O concretismo de *Sacilotto* está mais para a estampa do que para a verdadeira invenção artística. *Marcelo Nitsche* resolveu fazer em tela aquilo que o escultor búlgaro